

MERCADO DE TRABALHO

Desempenho recente do mercado de trabalho e perspectivas

Sumário

Ao longo do último trimestre, o mercado de trabalho brasileiro continuou a apresentar bons resultados, consolidando uma trajetória positiva, caracterizada por uma expansão da ocupação em ritmo superior ao registrado pela força de trabalho, assegurando, por conseguinte, uma taxa de desocupação bem-comportada. Em janeiro, segundo as estatísticas mensalizadas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), a taxa de desocupação ficou em 8,0%, recuando 0,9 ponto percentual (p.p.) na comparação com o observado no mesmo período de 2023. Após a dessazonalização, mesmo diante de uma leve alta na margem (0,2 p.p.), a taxa de desocupação de 7,6%, registrada em janeiro, manteve-se em nível confortável. Não obstante o fato de que a retomada, ainda modesta, da força de trabalho vem impedindo uma pressão maior da taxa de participação, o bom desempenho da população ocupada é o principal fator responsável pela relativa acomodação da taxa de desocupação em patamares favoráveis.

Por certo, embora a força de trabalho tenha iniciado um processo de retomada, a partir do quarto trimestre de 2023, chegando a 108,5 milhões de pessoas em janeiro de 2024, esta população ainda era 1,0% menor que o contingente máximo já registrado pela PNAD Contínua, observado em junho de 2022 (109,6 milhões de pessoas). Nota-se ainda que, além desse crescimento modesto da força de trabalho, vem crescendo a proporção de indivíduos fora da força de trabalho que não almejam retornar ao mercado mesmo diante de uma oportunidade de emprego. Nos últimos dois anos, essa parcela de indivíduos saltou de 81,0%, no quarto trimestre de 2021, para 85,4%, no quarto trimestre de 2023.

Deve-se pontuar, também, que, nos últimos trimestres, as causas apontadas por esse conjunto de indivíduos para se manterem fora da força de trabalho vêm apresentando algumas mudanças de trajetória. Por certo, a parcela de pessoas inativas por conta do desalento recuou de 43,7% para 40,3% entre os quartos trimestres de 2022 e 2023. Ainda que em menor intensidade, a proporção de pessoas fora da força de trabalho por conta dos estudos também apontou retração, passando de 12,6%, no quarto trimestre de 2022, para 11,9%, em 2023. Em contrapartida, a fração de indivíduos na inatividade associada a problemas de saúde, gravidez e outras questões pessoais avançou de 18,3% para 22,4% no último ano.

Ao contrário da força de trabalho, a população ocupada vem acelerando o seu ritmo de expansão, de modo que, em janeiro de 2024, o número de ocupados na economia brasileira chegou a 100,4 milhões de trabalhadores, o que corresponde a uma alta de

Maria Andréia Parente Lameiras

Técnica de planejamento e pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

Sandro Pereira Silva

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea

sandro.pereira@ipea.gov.br

Leo Veríssimo Fernandes

Bolsista do Subprograma de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Disoc/

leo.fernandes@ipea.gov.br

Gabriela Carolina Rezende Padilha

Bolsista do PNPD na Disoc/Ipea

gabriela.padilha@ipea.gov.br

Divulgado em 22 de março de 2024.

2,0% na comparação com esse mesmo mês do ano anterior. Adicionalmente, embora a PNAD Contínua mostre um aumento um pouco mais forte do emprego informal nos últimos meses de 2023, em janeiro de 2024, o emprego formal voltou a acelerar de modo mais significativo, registrando alta de 3,3%, na comparação interanual, contribuindo, desta forma, para a sustentação do nível de formalização do mercado de trabalho brasileiro, que se elevou ao longo de 2023. Assim como os dados da PNAD Contínua, as estatísticas do Ministério do Trabalho e Emprego também mostram um quadro de dinamismo do emprego formal, tendo em vista que, nos últimos doze meses, encerrados em janeiro, a economia brasileira gerou 1,56 milhão de novas vagas com registro. Desse modo, o estoque de trabalhadores formais, ajustado pelos dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), mostrou expansão interanual de 3,5% em janeiro. De forma desagregada, os setores com maior crescimento relativo no período foram os serviços ligados a artes, cultura, esporte e lazer (9,3%), os serviços domésticos (8,5%) e a construção civil (6,6%).

Por fim, as boas condições atuais do mercado de trabalho brasileiro também são evidenciadas pela redução do tempo de procura por emprego, tendo em vista que o percentual de indivíduos que estão à procura de uma nova colocação no mercado de trabalho há mais de dois anos recuou 3,2 p.p., passando de 25,5%, no quarto trimestre de 2022, para 22,3%, neste mesmo período de 2023.

A expectativa para o restante do ano é de acomodação da taxa de desocupação em níveis próximos ao atual, mesmo diante da possibilidade de uma recuperação mais forte da taxa de participação. Com efeito, embora em ritmo mais moderado, o crescimento da atividade econômica, ao longo de 2024, deve garantir uma trajetória de alta da população ocupada, evitando, desta forma, uma pressão mais forte sobre a taxa de desocupação.

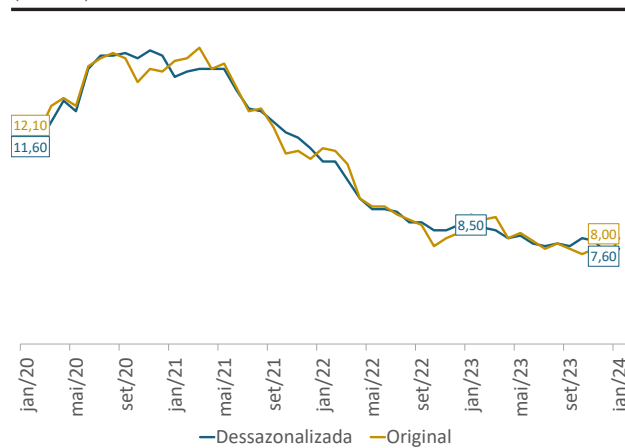
1 Aspectos gerais

Os dados mais recentes de emprego mostram que o mercado de trabalho brasileiro segue apresentando trajetória favorável, marcada, sobretudo, por altas sucessivas da população ocupada. Em janeiro, a taxa de desocupação, obtida após a mensalização dos dados da PNAD Contínua, ficou em 8,0%, recuando 0,9 p.p. em relação à observada em janeiro de 2023 (gráfico 1). Na comparação com dezembro, a série dessazonalizada mostra um leve incremento da desocupação, que passou de 7,4% para 7,6%.

De fato, após registrar sucessivos recuos ao longo do primeiro semestre de 2023, a força de trabalho iniciou um processo de retomada, a partir do quarto trimestre do ano passado, chegando a 108,5 milhões de pessoas em janeiro de 2024 (gráfico 2), o que corresponde a uma expansão de 0,9% na comparação interanual. Nota-se, entretanto, que, mesmo com essa recuperação mais recente, o conjunto de pessoas que formavam a força de trabalho em janeiro de 2024 ainda era 1,0% menor que o contingente máximo já registrado pela PNAD Contínua, observado em junho de 2022 (109,6 milhões de pessoas).

Ainda dentro desse contexto, a análise dos microdados da pesquisa do IBGE mostra que, a despeito de uma pequena alta na margem, vem crescendo o número de pessoas que estão fora da força de trabalho e que não desejam retornar, mesmo diante de uma proposta de emprego. Nos últimos dois anos, a parcela de indivíduos

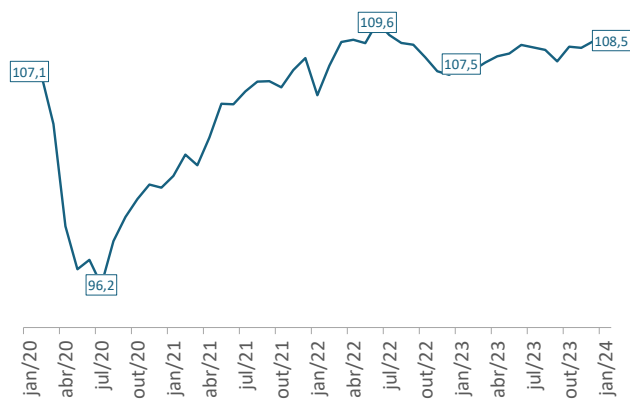
GRÁFICO 1
Taxa de desocupação
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea).

em idade ativa que estão fora da força de trabalho e que não almejam voltar a trabalhar, ainda que tivessem uma oportunidade, avançou de 81,0%, no quarto trimestre de 2021, para 85,4%, no quarto trimestre de 2023 (gráfico 3).

GRÁFICO 2
Força de trabalho: dados dessazonalizados
(Em milhões de pessoas)



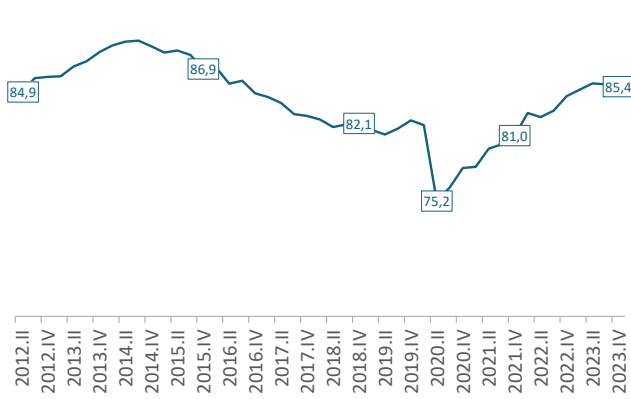
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Os microdados trimestrais da PNAD Contínua indicam também que, nos últimos trimestres, as causas apontadas por esse conjunto de indivíduos para se manterem fora da força de trabalho vêm apresentando algumas mudanças de trajetória (gráfico 4). De fato, ao contrário do verificado em períodos passados, nos quais a conjuntura adversa do mercado de trabalho desencadeou um aumento do desalento, nos trimestres mais recentes esta parcela de desalentados vem se reduzindo, passando de 43,7% para 40,3% entre 2022 e 2023. Ainda que em menor intensidade, a proporção de pessoas fora da força de trabalho por conta dos estudos também apontou retração, recuando de 12,6%, no quarto trimestre de 2022, para 11,9%, em 2023. Em contrapartida, a fração de indivíduos fora da força de trabalho devido a problemas de saúde, gravidez e outras questões pessoais avançou de 18,3% para 22,4% no último ano.

Por conseguinte, os dados dessazonalizados relativos à taxa de participação mostram que, embora no último trimestre se verifique uma leve aceleração – de 61,4%, em setembro de 2023, para 61,8%, em janeiro de 2024 (gráfico 3) –, ela se manteve praticamente estável na comparação interanual.

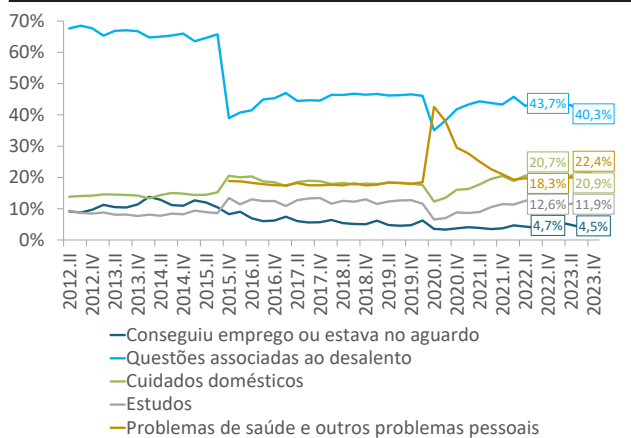
Já os dados da população ocupada indicam que, em janeiro de 2024, este contingente era formado por 100,4 milhões de trabalhadores, o que corresponde a uma expansão de 2,0% na comparação com esse mesmo mês do ano anterior (gráfico 6). Adicionalmente, nota-se que, embora a PNAD Contínua mostre um aumento

GRÁFICO 3
Proporção de indivíduos fora da força de trabalho que não almejam retornar ao mercado de trabalho
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 4
Proporção de indivíduos fora da força de trabalho por motivação
(Em %)

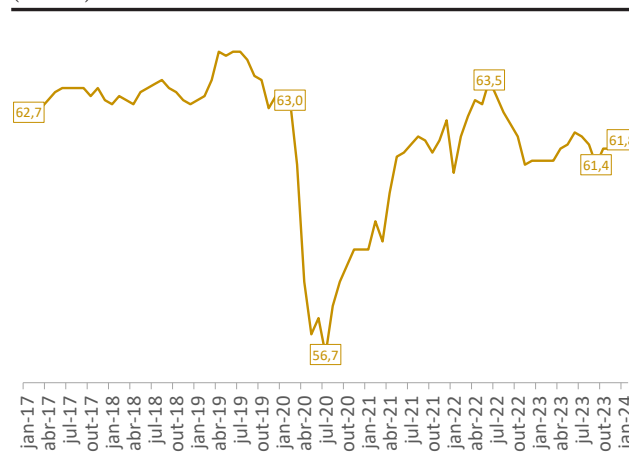


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

mais forte do emprego informal¹ nos últimos meses de 2023, em janeiro de 2024, o emprego formal² voltou a acelerar de modo mais significativo, registrando alta de 3,3% na comparação interanual, contribuindo, desta forma, para a manutenção do nível de formalização do mercado de trabalho brasileiro.

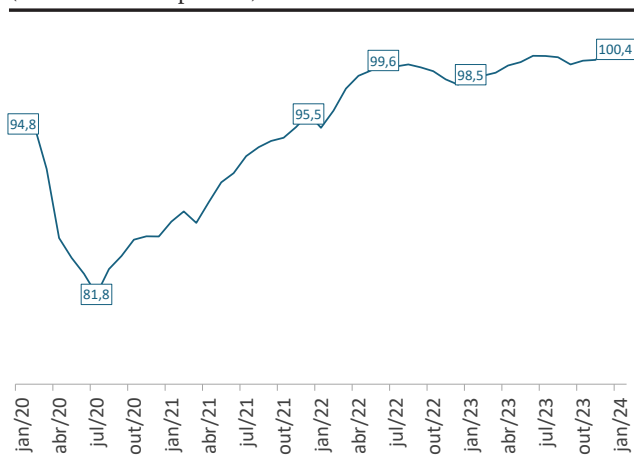
De acordo com o gráfico 7, observa-se que, de janeiro de 2022 a janeiro de 2024, o nível médio de formalização do mercado de trabalho foi de 57,8%, já ultrapassando o período pré-pandemia, em que a taxa média era de 57,1%. No entanto, embora em relação ao período imediatamente anterior (janeiro de 2020 a dezembro de 2021) o nível de formalização seja 0,6 p.p. inferior, esta comparação deve ser evitada, pois o biênio 2020-2021 foi fortemente afetado pela pandemia, que retirou do mercado de trabalho, sobretudo, os empregados do setor informal, pois estes estavam ocupados, em grande parte, nos setores de comércio e serviços, fortemente impactados pelas medidas de restrição social. Em contrapartida, o nível atual de formalização ainda se encontra abaixo do observado entre 2015 e 2016.

GRÁFICO 5
Taxa de participação dessazonalizada
(Em %)



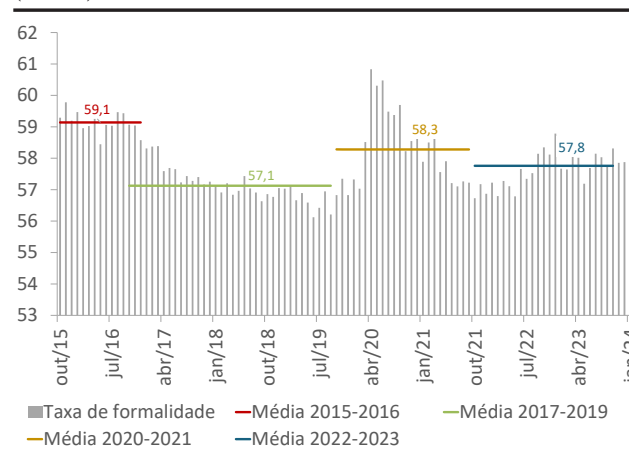
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 6
População ocupada: dados dessazonalizados
(Em milhões de pessoas)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 7
Taxa de formalização
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

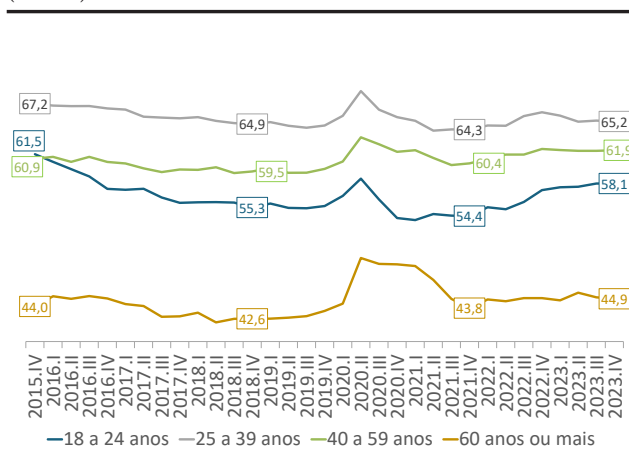
A desagregação da taxa de formalidade por idade, cujos dados são disponibilizados apenas nas divulgações trimestrais, mostra que, nos últimos dois anos, todas as faixas etárias apresentaram uma melhora nos níveis de formalização, com destaque para o segmento dos trabalhadores mais jovens (18 a 24 anos), cuja taxa avançou

1. Ocupação informal compreende o trabalho sem carteira nos setores privado e público, o trabalho doméstico sem carteira, o empregador sem CNPJ, o por conta própria sem CNPJ ou trabalhador familiar.
2. Ocupação formal compreende o trabalho com carteira nos setores privado e público, os militares e estatutários, o trabalho doméstico com carteira, o empregador com Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) e por conta própria com CNPJ.

de 54,4% para 58,1% (gráfico 8). Em termos absolutos, o maior nível de formalidade está no segmento dos ocupados com idade entre 25 e 39 anos (65,2%), enquanto o menor nível está no grupo dos trabalhadores mais idosos (44,9%).

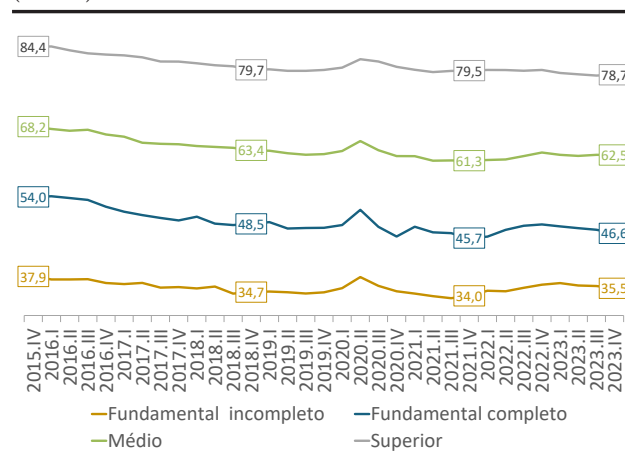
Já a abertura por grau de escolaridade revela que entre o quarto trimestre de 2021 e o quarto trimestre de 2023, à exceção do grupo de trabalhadores com nível superior, todos os demais apontam melhora do nível de formalização, com destaque para os ocupados com ensino fundamental incompleto, cuja taxa saltou de 34,0% para 35,5% (gráfico 9). Nota-se, entretanto, que, mesmo diante de uma desaceleração, a taxa de formalidade entre os trabalhadores com nível superior continua bem acima da registrada nos demais segmentos educacionais.

GRÁFICO 8
Taxa de formalização por faixa etária
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 9
Taxa de formalização por grau de escolaridade
(Em %)



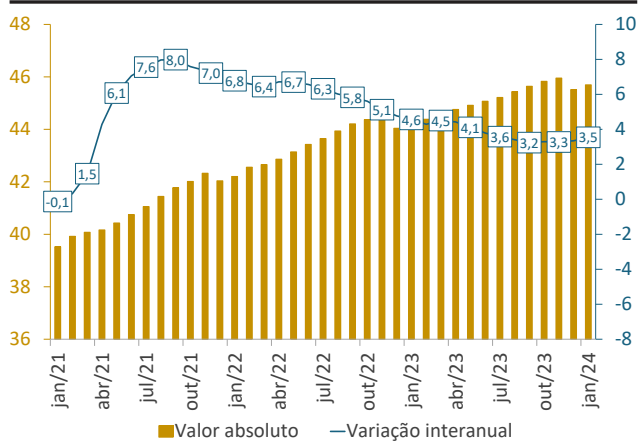
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

De modo análogo ao apontado pela pesquisa do IBGE, os dados do Novo Caged também retratam um cenário de crescimento da ocupação formal no país. De acordo com os dados divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego, em janeiro de 2024, no acumulado em doze meses, a economia brasileira gerou 1,56 milhão de novas vagas com carteira assinada, acima do observado no mês anterior (1,47 milhão), mas abaixo do registrado no mesmo período de 2023 (1,94 milhão). No entanto, mesmo diante de uma trajetória de crescimento mais amena, o número de vagas criadas com carteira vem possibilitando uma expansão contínua do estoque de trabalhadores formais, que chegou a 45,7 milhões, em janeiro, o que representa alta de 3,5% na comparação interanual (gráfico 10).

As boas condições atuais do mercado de trabalho brasileiro também são evidenciadas pela redução do indicador de tempo de procura por emprego. Os dados mostram que o percentual de indivíduos que estão à procura de uma nova colocação no mercado de trabalho há mais de dois anos – o que já pode ser considerado desemprego de longo prazo – vem recuando ao longo dos últimos trimestres, de modo que, no quarto trimestre de 2023, esta parcela correspondia a 22,3% do total de desempregados, o que significa uma queda de 3,2 p.p. em relação à observada em 2022 (gráfico 11).

GRÁFICO 10

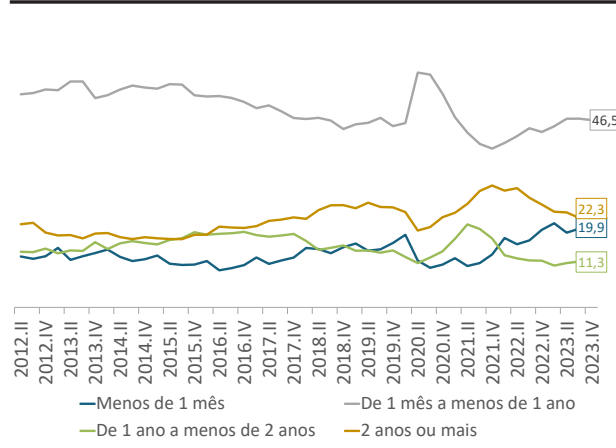
Novo Caged: estoque de empregos formais, em valor absoluto (milhões de pessoas) e variação interanual (porcentagem)



Fonte: Novo Caged/Secretaria de Trabalho.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 11

PNAD Contínua: desocupados por tempo de procura (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

2 Análise desagregada da desocupação

Os dados desagregados, extraídos da PNAD Contínua trimestral, mostram que, no quarto trimestre de 2023, praticamente todos os segmentos pesquisados apresentaram manutenção ou recuo da taxa de desocupação, tanto em relação ao trimestre anterior quanto em relação ao mesmo período de 2022 (tabela 1). Na abertura regional, o destaque vai para a região Sudeste, cuja taxa de desocupação de 7,1%, no quarto trimestre de 2023, situou-se 0,8 p.p. abaixo da registrada no mesmo período de 2022 e 0,4 p.p. abaixo da observada no terceiro trimestre de 2023. Em termos absolutos, verifica-se que o maior nível de desocupação no país está na região Nordeste, cuja taxa de 10,4%, apurada no quarto trimestre de 2023 é mais que o dobro da registrada na região Sul (4,5%). O recorte por gênero revela que, na comparação interanual, a magnitude da queda do desemprego foi semelhante em ambos os sexos, de modo que, enquanto a desocupação entre os homens recuou de 6,5% para 6,0%, a das mulheres caiu de 9,8% para 9,2%.

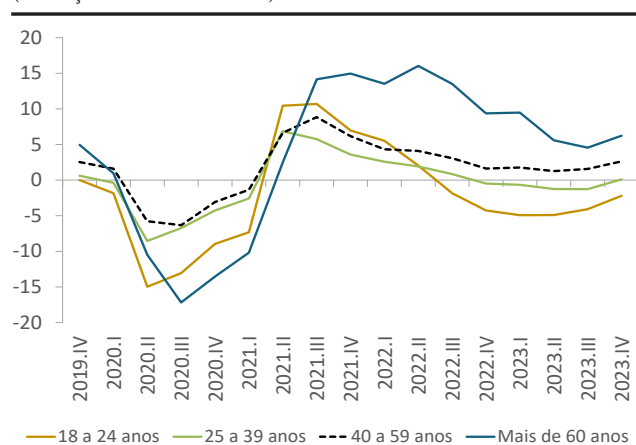
A abertura por idade mostra que, embora a desocupação entre os trabalhadores mais idosos tenha acelerado levemente no quarto trimestre de 2023, este segmento é o que registra a menor taxa (3,5%) entre todos os grupos pesquisados. Nota-se, ainda, que a alta da desocupação entre os mais idosos ocorreu mesmo em um contexto de expansão da população ocupada. Por certo, embora a ocupação dos trabalhadores com mais de 60 anos tenha registrado alta interanual de 6,1% (gráfico 12), ela se deu em ritmo ligeiramente inferior ao registrado pela força de trabalho, que apontou elevação de 6,2%, na mesma base de comparação (gráfico 13). Em contrapartida, em que pese o fato de que o grupo de trabalhadores mais jovens seja o estrato etário com maior queda da desocupação, no quarto trimestre, este ainda se encontra em patamar (15,3%) bem acima dos demais segmentos. Ademais, este recuo da desocupação não foi decorrente de um aumento da população ocupada, mas sim de uma retração da força de trabalho. Na comparação interanual, enquanto o número de ocupados com idade entre 18 e 24 anos apontou queda de 0,9% – se constituindo no único conjunto etário a registrar recuo da ocupação no quarto trimestre –, a força de trabalho do segmento retroagiu 2,2%.

TABELA 1
Taxa de desemprego
(Em %)

	2020	2021				2022				2023			
	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.
Brasil	14,2	14,9	14,2	12,6	11,1	11,1	9,3	8,7	7,9	8,8	8,0	7,7	7,4
Centro Oeste	12,1	12,8	11,6	9,8	8,4	8,5	7,0	6,5	6,2	7,0	5,7	5,5	5,8
Nordeste	17,6	18,9	18,4	16,4	14,7	14,9	12,7	12,0	10,9	12,2	11,3	10,8	10,4
Norte	12,6	15,0	14,1	12,0	11,2	11,7	8,9	8,2	8,1	9,1	8,1	7,7	7,7
Sudeste	15,1	15,3	14,6	13,1	11,2	11,1	9,3	8,7	7,9	8,6	7,9	7,5	7,1
Sul	8,4	8,7	8,2	7,5	6,7	6,5	5,6	5,2	4,5	5,0	4,7	4,6	4,5
Masculino	11,9	12,2	11,6	10,1	9,0	9,1	7,5	6,9	6,5	7,2	6,9	6,4	6,0
Feminino	17,2	18,5	17,7	15,9	13,9	13,7	11,6	11,0	9,8	10,8	9,6	9,3	9,2
18 a 24 anos	29,0	30,0	28,5	25,7	22,8	22,8	19,3	18,0	16,4	18,0	16,6	16,0	15,3
25 a 39 anos	13,4	14,1	13,2	11,5	10,1	10,2	8,3	7,8	7,1	8,2	7,4	7,0	6,9
40 a 59 anos	8,9	9,6	9,5	8,2	7,2	7,1	6,0	5,6	5,3	5,6	5,3	5,1	4,9
Mais de 60 anos	5,2	5,9	5,6	5,4	4,4	4,3	4,0	3,7	3,4	3,9	3,4	3,2	3,5
Fundamental Incompleto	13,7	14,0	13,8	12,1	10,9	10,8	8,9	8,7	8,3	8,5	7,8	7,7	7,7
Fundamental Completo	16,7	15,8	15,7	14,0	13,3	12,2	10,4	10,1	9,3	10,1	9,6	9,9	9,3
Médio Incompleto	23,5	24,2	22,7	20,1	18,4	18,3	15,3	15,3	13,9	15,2	13,6	13,5	13,0
Médio Completo	16,1	17,1	16,2	14,4	12,6	12,7	10,6	9,7	8,5	9,9	9,2	8,6	8,0
Superior	9,2	10,3	9,4	8,2	6,7	7,1	5,9	5,3	4,9	5,6	4,9	4,6	4,5

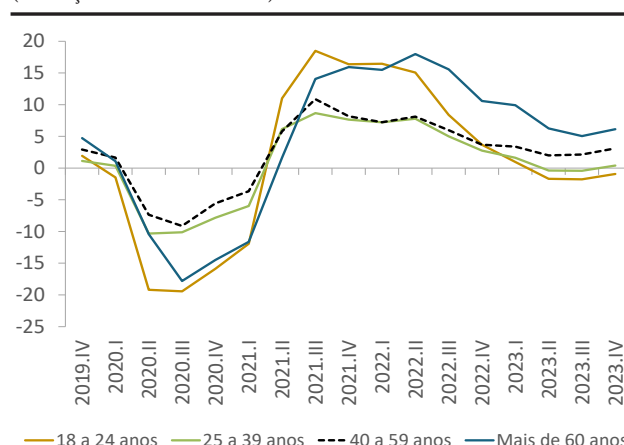
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 12
População Ocupada - Por faixa etária
(Variação interanual - %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 13
PEA - Por faixa etária
(Variação interanual - %)

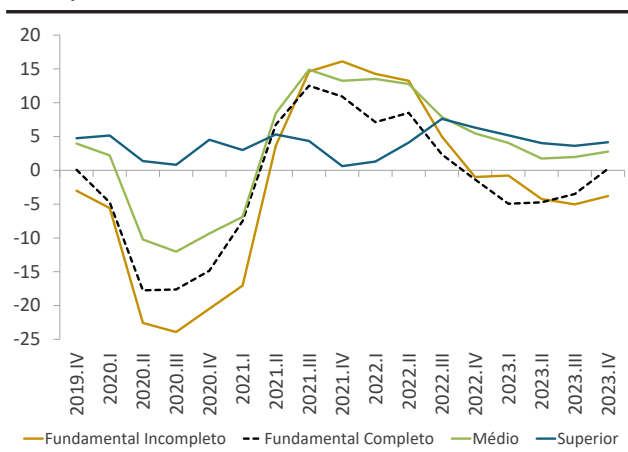


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Já a desagregação por nível educacional revela que a desocupação dos trabalhadores com ensino médio incompleto segue sendo a mais alta (13,0%) entre todos os segmentos, ao passo que a mais baixa está no grupo com ensino superior (4,5%). Ainda de acordo com os microdados da PNAD Contínua, nos segmentos menos escolarizados, o recuo da taxa de desocupação vem ocorrendo mesmo em um contexto de queda da população ocupada (gráfico 14), tendo sido beneficiado pela retração ainda mais intensa da força de trabalho (gráfico 15). De fato, enquanto a ocupação entre os trabalhadores com ensino fundamental incompleto recuou 3,8%, no quarto

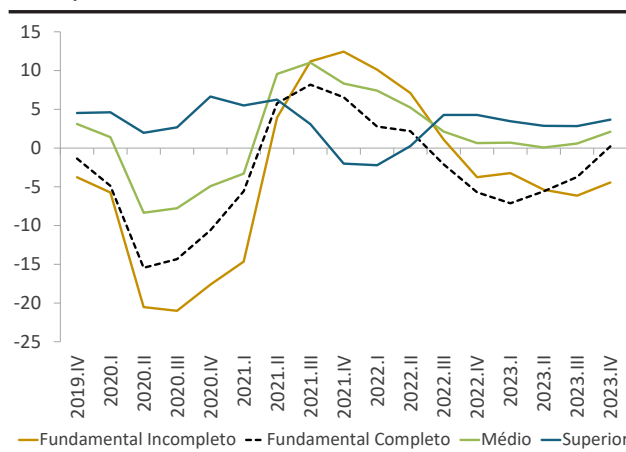
trimestre de 2023, em termos interanuais, a população economicamente ativa (PEA) deste segmento registrou queda de 4,4%. Em contrapartida, a queda da desocupação dos trabalhadores com ensino superior reflete uma alta mais intensa da ocupação (4,2%) comparativamente à da força de trabalho (3,7%).

GRÁFICO 14
População Ocupada - Por grau de instrução
(Variação interanual - %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 15
PEA - por grau de instrução
(Variação interanual - %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Emprego setorial

Os dados mais recentes mostram que a evolução positiva do emprego vem ocorrendo de forma diferenciada entre os setores da economia. A partir dos dados extraídos da PNAD Contínua (tabela 2), verifica-se que, dos treze segmentos analisados, dez apresentaram melhora no emprego no quarto trimestre de 2023, em relação ao mesmo período do ano anterior. Adicionalmente, entre esses dez setores, cinco registraram crescimento interanual de magnitude igual ou maior que o observado no trimestre anterior, indicando relativa estabilidade no ritmo de expansão da ocupação. Nesse contexto, os destaques positivos ficam por conta dos segmentos de serviços pessoais, comércio e indústria de transformação, que, após apresentarem retrações da ocupação de 4,4%, 1,5% e 1,5%, respectivamente, no terceiro trimestre de 2023, apontaram crescimento da ocupação da ordem de 9,3%, 1,8% e 1,5%, no quarto trimestre do mesmo ano.

Por sua vez, dos três segmentos que obtiveram taxas interanuais negativas no último trimestre de 2023, em dois deles o ritmo de retração da ocupação se acentuou. No caso dos serviços domésticos, a queda de 1,3% no terceiro trimestre se mostrou ainda mais intensa no quarto trimestre (-4,6%). Já em relação à agropecuária, após a retração de 3,8% apontada no terceiro trimestre, a ocupação deste setor apresentou queda ainda mais significativa no quarto trimestre (-5,9%), registrando a sétima redução consecutiva na população ocupada.

Em valores absolutos, os dados revelam que o setor de informática foi o que mais adicionou trabalhadores à ocupação nos últimos doze meses, com expansão de aproximadamente 641 mil indivíduos entre os quartos trimestres de 2022 e 2023. Na sequência, o setor de saúde e educação registrou aumento da ocupação em aproximadamente 606 mil pessoas no mesmo período.

TABELA 2

População ocupada por setores de atividade econômica: variação interanual (1º trim. 2021 - 4º trim. 2023)

(Em %)

	2021				2022				2023			
	1º trim.	2º trim.	3º trim.	4º trim.	1º trim.	2º trim.	3º trim.	4º trim.	1º trim.	2º trim.	3º trim.	4º trim.
Agricultura	3,6	11,2	9,7	4,5	2,5	-0,7	-3,6	-4,4	-5,2	-5	-3,8	-5,9
Indústria extrativa	-11,6	-4,8	5	12,1	9,8	18	13	16,3	8,4	2,5	13	8,7
Indústria de transformação	-5,2	5,3	12,8	9,1	8,2	9,6	3,6	3,1	2,1	0,5	-1,5	1,5
Siup ¹	-19,2	-18,6	-13	8,1	6,5	15,6	4,8	-1,1	-2	-2,5	9	3,8
Construção civil	-2,5	22,2	20,1	17,4	12,7	11,2	2,7	-1,3	-0,8	-4,6	-2,4	0,5
Comércio	-8,2	6,1	13,4	11,6	12,2	14,2	7,8	4	3	-0,8	-1,5	1,8
Informática, financeira, serviços a empresas	0,9	9,1	10,4	7,2	4	5,1	6,9	4,4	6	3	5,2	4,5
Transporte	-9	4,6	12,6	10	10,4	10	9,2	10	7,9	4,3	4,3	6,6
Serviços pessoais	-17,4	3,5	8,8	14,7	19,5	18,7	24	9,8	4,3	2,7	-4,4	9,3
Administração pública	-3	-3	-3,7	-2,4	2,6	1,8	8,8	3,7	1,5	1,7	-3,6	-2,1
Saúde e educação	-0,6	-0,2	4,3	3,1	1,5	7,2	8,5	8,9	6,5	5,9	7,2	3
Alojamento e alimentação	-26,3	8,8	26,5	23,9	32,5	23,1	8,5	3,5	1,8	1	3,9	2,5
Serviços domésticos	-18,6	9	21,3	21,7	19,4	18,7	9,6	2,1	1,2	-0,3	-1,3	-4,6

Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Disoc/Ipea.

Obs.: Siup – Serviços Industriais de Utilidade Pública.

Já a análise da variação interanual da ocupação setorial para o quarto trimestre de 2023, segundo a posição na ocupação (tabela 3), mostra que esse aumento observado de postos de trabalho tanto no setor de informática quanto no de saúde e educação se deu majoritariamente via emprego informal (assalariados sem carteira assinada e trabalho por conta própria). No entanto, esses dois segmentos também apresentaram taxas de crescimento consideráveis do emprego assalariado com carteira assinada.

Em relação aos outros três setores que apresentaram maior crescimento da população ocupada na comparação anual, a tabela 3 mostra que, de acordo com a pesquisa do IBGE, o setor de transporte obteve forte expansão nas vagas com registro formal (6,6%) e estagnação nos registros sem carteira assinada (0,4%), enquanto o aumento do setor de serviços pessoais se deu principalmente por meio de vagas com registro em carteira (9,3%). O setor de serviços domésticos, por sua vez, obteve queda nos registros formais (-4,6%), compensado pelo aumento significativo dos assalariados sem carteira assinada (6,3%).

TABELA 3

População ocupada por setores e posição na ocupação: variação interanual (4º trim. 2023)

(Em %)

	Novo Caged	PNAD Contínua		
		Assalariado com registro ³	Assalariado sem registro	Conta própria ⁴
Total	3,1	2,2	2,1	0,6
Agricultura	2,0	-2,8	-5,0	-8,3
Indústria extrativa	3,1	8,7	-5,0	-1,3
Indústria de transformação	1,4	1,5	-1,3	-0,1
Siup	1,5	3,8	7,6	-6,1
Construção civil	8,9	0,5	-1,1	3,6
Comércio	3,0	1,8	0,5	-4,9
Informática, financeira, serviços a empresas	5,3	4,5	6,2	7,1
Transporte	5,0	6,6	0,4	9,4
Serviços pessoais	7,6	9,3	-1,8	1,9
Administração pública	1,0	-2,1	-5,5	-
Saúde e educação	1,9	3,0	10,9	7,8
Alojamento e alimentação	6,9	2,5	4,0	1,6
Serviços domésticos	-	-4,6	6,3	-

Fontes: PNAD Contínua/IBGE e Novo Caged/Ministério do Trabalho e Emprego.

Elaboração Disoc/Ipea.

Assim como no trimestre anterior, o emprego assalariado com registro em carteira foi a modalidade com maior crescimento anual em relação ao mesmo trimestre de 2022, registrando na média geral uma expansão de 3,1%, segundo o Novo Caged, e de 2,2%, de acordo com a PNAD Contínua. Essa análise do emprego setorial desagregado por posição na ocupação parece indicar que o crescimento do emprego formal tem sido mais consistente e menos errático que o do emprego informal nos diversos setores ilustrados: entre os treze setores, todos apresentaram taxas interanuais positivas para a ocupação com registro em carteira, segundo o Novo Caged. Já em relação à PNAD Contínua, três setores registraram redução na ocupação formal na comparação anual: agricultura (-2,8%), administração pública (-2,1%) e serviços domésticos (-4,6%).

Deve-se registrar também, que, de acordo com as estatísticas do Ministério do Trabalho e Emprego, o bom dinamismo do emprego com registro em carteira, com expansão de 3,5%, nos últimos doze meses, encerrados em janeiro de 2024, vem ocorrendo em todos os segmentos pesquisados. Segundo o Novo Caged, os setores com maior crescimento relativo no período (gráfico 16) foram os serviços ligados a artes, cultura, esporte e lazer (9,3%), os serviços domésticos (8,5%) e a construção civil (6,6%). Já em termos absolutos, os segmentos que mais criaram postos formais no período foram: atividades administrativas e serviços complementares (314,7 mil), comércio (285,0 mil) e construção civil (174,1 mil).

GRÁFICO 16

Novo Cage: Saldos acumulados em doze meses como proporção do estoque
(Em %)



Fonte: Novo Caged/Ministério do Trabalho e Emprego.
Elaboração dos autores.

4 Análise dos fluxos de ocupação e desocupação

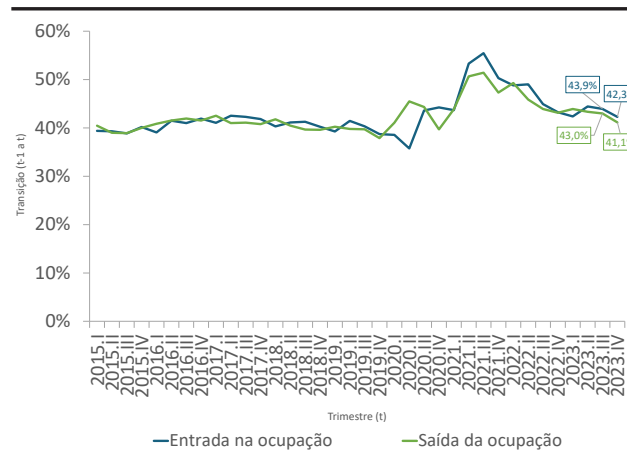
Uma análise mais detalhada do mercado de trabalho pode ser alcançada ao examinar a evolução das transições entre diferentes posições ocupacionais dos indivíduos, complementando a análise tradicional da evolução dos estoques. Para isso, recorreremos aos microdados da PNAD Contínua, cuja estrutura prevê que domicílios e seus moradores sejam entrevistados cinco vezes ao longo de um ano, com intervalos de três meses entre cada en-

trevista. Assim, a comparação da informação fornecida em duas entrevistas domiciliares permite quantificar as transições individuais entre diferentes posições ocupadas no período compreendido.

Para início da análise, o gráfico 17 apresenta os fluxos de entrada e saída para a ocupação total no país, normalizados pela população ocupada estimada no quarto trimestre de 2023. A diferença entre as duas linhas do gráfico representa o crescimento percentual da população ocupada no respectivo trimestre. Os dados indicam uma diminuição no fluxo de entrada na ocupação de 43,9% para 42,3% no quarto trimestre de 2023, em comparação com o trimestre anterior. Por sua vez, o crescimento da população ocupada persistiu, devido à continuidade da queda do fluxo de saída da ocupação no mesmo período, caindo de 43,0% para 41,1%, mantendo-se abaixo do fluxo de entrada.

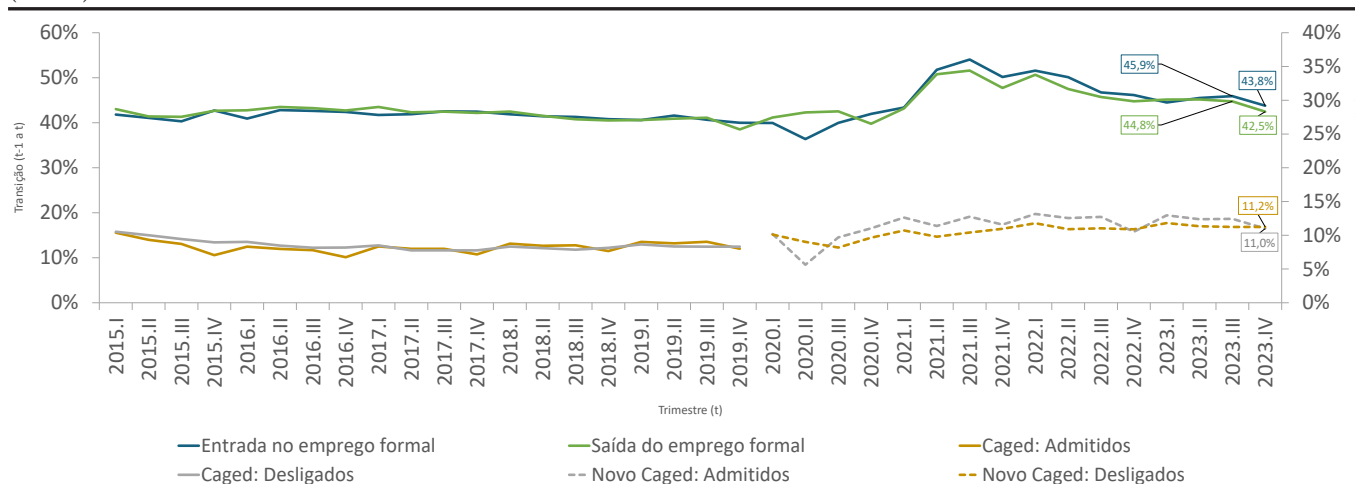
Por sua vez, o gráfico 18 mostra os fluxos de entrada e saída, mas agora para o emprego formal. Assim como na ocupação total, houve redução nos fluxos de entrada (de 45,9% para 43,8%) e nos fluxos de saída (de 44,8% para 42,5%) do emprego formal no quarto trimestre de 2023 em relação ao trimestre anterior. Logo, o saldo positivo foi mantido devido à menor magnitude do fluxo de saída.

GRÁFICO 17
Fluxos de saída e entrada para ocupação
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Disoc/Ipea.

GRÁFICO 18
Fluxos de saída e entrada para empregados formais¹
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Disoc/Ipea.

Obs.: Embora os dados do Novo Caged sejam disponibilizados em bases mensais, optamos por reportar as movimentações acumuladas em trimestres para facilitar a comparação com os dados da PNAD Contínua.

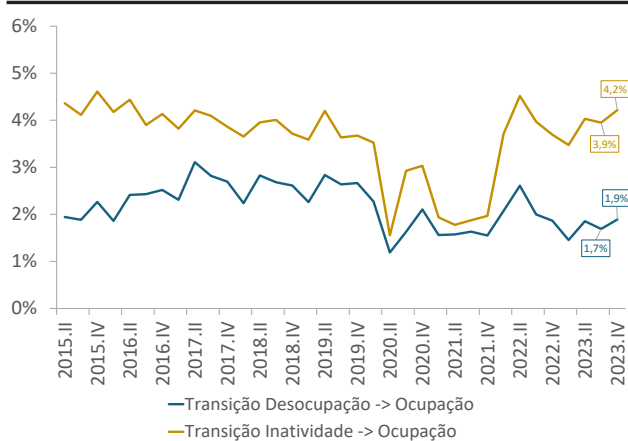
A análise do gráfico 18 revela também que as movimentações extraídas dos dados do Novo Caged (as linhas pontilhadas) indicam que, no quarto trimestre de 2023, o fluxo de entrada foi ligeiramente inferior ao de saída no emprego formal – 11,0% contra 11,2%, respectivamente –, resultando em diminuição de 0,2 p.p. no

saldo trimestral. Esse resultado menos favorável no emprego formal, conforme indicado pelo Novo Caged em comparação à PNAD Contínua, pode ser explicado pelas diferenças na coleta de informações entre essas duas pesquisas.

Para melhor compreender a relação entre os fluxos de entrada e saída da ocupação, torna-se necessário analisar a evolução recente de componentes desses movimentos. O gráfico 19 traz a evolução dos fluxos de entrada na ocupação provenientes do desemprego e da inatividade separadamente. Observa-se que ambos os fluxos contribuem para o aumento do número de trabalhadores que ingressam na condição de ocupados: o fluxo de desocupação aumentou de 1,7% para 1,9% entre o terceiro e o quarto trimestres de 2023, enquanto o fluxo relacionado à inatividade passou de 3,9% para 4,2%.

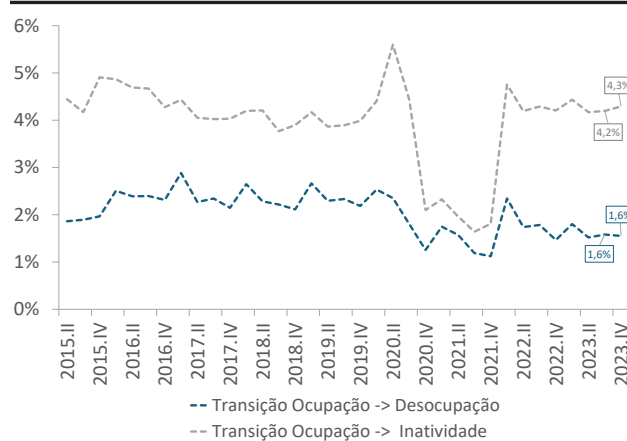
Por sua vez, a análise do gráfico 20 revela que a diminuição do fluxo total de saída da ocupação, no quarto trimestre de 2023 (conforme ilustrado anteriormente no gráfico 17), ocorreu concomitantemente a uma estabilidade no fluxo de saída da ocupação para o desemprego (mantendo-se em 1,6%) e a um ligeiro aumento no fluxo de saída para a inatividade (de 4,2% para 4,3%).

GRÁFICO 19
Decomposição das entradas para ocupação
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Disoc/Ipea.

GRÁFICO 20
Decomposição das saídas da ocupação
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Disoc/Ipea.

Cumprir mencionar, entretanto, que a soma das magnitudes dos aumentos reportados no quarto trimestre de 2023, tanto para os componentes do fluxo de entrada na ocupação (gráfico 19) quanto para os de saída da ocupação (gráfico 20), não coincide com as quedas reportadas para o agregado desses fluxos retratadas no gráfico 17. O motivo dessa aparente incoerência é explicado pelo fato de que a análise feita nos gráficos 19 e 20 foi restrita a indivíduos identificados na amostra da PNAD Contínua nos dois trimestres consecutivos utilizados para construir os fluxos, enquanto a análise do gráfico 17 considera também os indivíduos que entram e saem da amostra dessa mesma pesquisa. Assim, a queda de 1,6 p.p. no fluxo de entrada na ocupação, conforme reportada no gráfico 17, pode ser atribuída à diminuição no fluxo de pessoas que estavam fora da amostra em um trimestre e ingressam no trimestre seguinte na condição de ocupadas (de 38,3% para 36,2%), como evidenciado pelo gráfico 21. Essa redução de 2,1 p.p. foi parcialmente compensada pelos aumentos nos fluxos de entrada na ocupação provenientes da inatividade e do desemprego, resultando, numa redução líquida de 1,6 p.p.

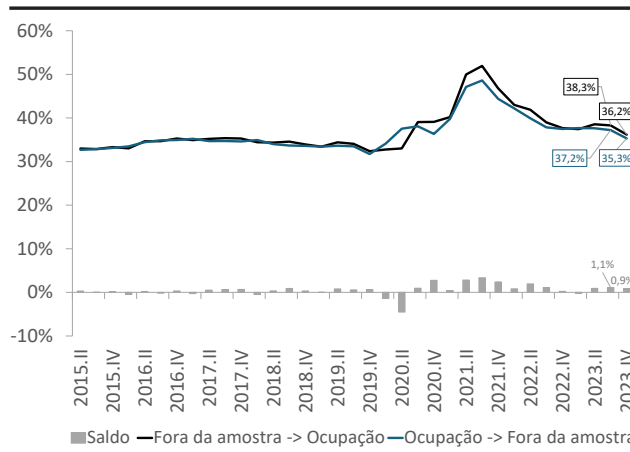
Ou seja, parte da redução do fluxo de entrada para a ocupação, no quarto trimestre de 2023, advém do processo de renovação de parte da amostra da PNAD Contínua a cada trimestre. Nesse processo, a condição de ocupado tornou-se menos frequente para os indivíduos que ingressaram no quarto trimestre de 2023 em comparação com os trimestres anteriores. É importante destacar que esse fluxo proveniente de fora da amostra da PNAD Contínua para a evolução da população ocupada apresenta magnitudes relativamente altas ao longo da série, porém estáveis; no entanto, a partir da pandemia de covid-19, em 2020,³ passou a registrar variações mais voláteis.

De modo análogo, a queda de 1,9 p.p. no fluxo de saída da ocupação (conforme reportado no gráfico 17), concomitante à relativa estabilidade nos fluxos de saída da ocupação para o desemprego e para a inatividade, pode ser explicada pela redução no fluxo de pessoas que estavam ocupadas e passam a ficar fora da amostra da PNAD Contínua (de 37,2% para 35,3%), como observado no gráfico 21. A redução do fluxo de saída da ocupação no quarto trimestre de 2023, portanto, também decorre do processo de renovação parcial da amostra da PNAD Contínua a cada trimestre.

Ainda nesse contexto, os gráficos 22 e 23 desagregam os fluxos de entrada e saída do emprego formal. O panorama reflete de perto o observado no emprego total, com um discreto aumento do fluxo de entrada no emprego formal, tanto proveniente de outras ocupações (de 4,8% para 5,0%) quanto do desemprego (de 2,4% para 2,5%). Essa tendência é acompanhada por certa estabilidade nos fluxos de saída do emprego formal, tanto em direção a outras ocupações (permanecendo em 4,2%) quanto ao desemprego (de 2,9% para 2,8%, uma queda de apenas 0,1 p.p.).

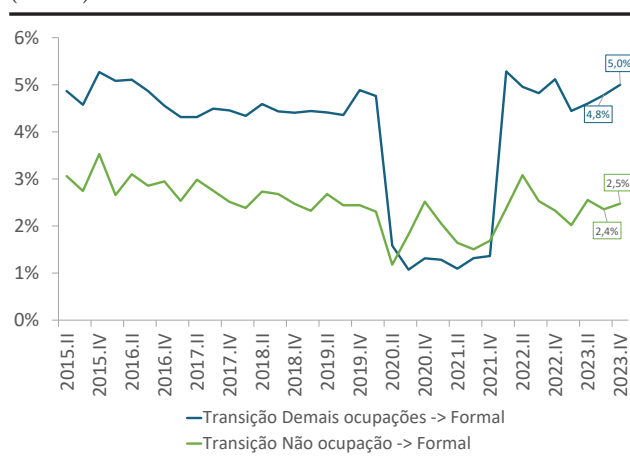
Assim como na análise feita para os componentes dos fluxos para a ocupação total, só é possível compreender o aumento na entrada no emprego formal (retratada no gráfico 18) ao observar o aumento do componente relativo aos trabalhadores que entram na amostra da PNAD Contínua ocupando empregos formais. Analogamente, a diminuição na saída do emprego formal também é explicada pela menor quantidade de trabalhadores formais que deixaram a amostra da pesquisa no quarto trimestre, conforme evidenciado pelo gráfico 24. Em resumo, a diminuição dos fluxos de entrada e saída para o emprego total e para o emprego formal no quarto trimestre de 2023, em grande parte, é atribuída ao processo de renovação parcial da amostra da PNAD Contínua a cada trimestre.

GRÁFICO 21
Fluxos de indivíduos que transitam da ocupação para fora da amostra da PNAD Contínua e vice-versa (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

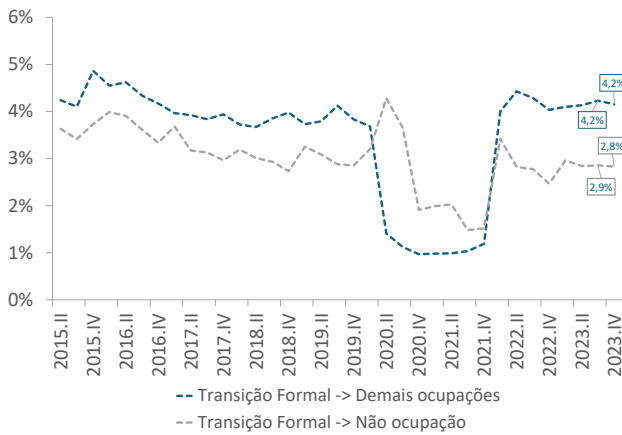
GRÁFICO 22
Decomposição do fluxo de entrada para o emprego formal (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

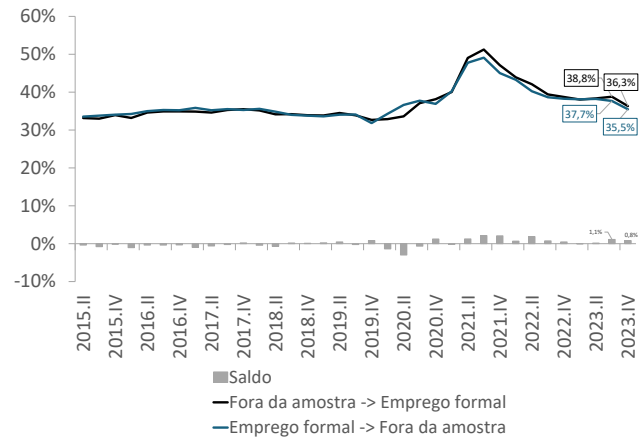
3. Estudo sobre impactos da covid-19 na dinâmica do mercado de trabalho brasileiro disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/11561>.

GRÁFICO 23
Decomposição do fluxo de saída do emprego formal
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
 Elaboração dos autores.

GRÁFICO 24
Fluxos de indivíduos que transitam do emprego formal para fora da amostra da PNAD Contínua e vice-versa
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
 Elaboração dos autores.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)

Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Maria Andréia Parente Lameiras (Editora substituta)

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos

José Ronaldo de Castro Souza Júnior

Leonardo Mello de Carvalho

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti

Mônica Mora y Araujo

Sandro Sacchet de Carvalho

Sergio Fonseca Ferreira

Pesquisadores Visitantes:

Cristiano da Costa Silva

Debora Mesquita Pimentel

Felipe dos Santos Martins

Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Alexandre Magno de Almeida Leão

Caio Rodrigues Gomes Leite

Diego Ferreira

Izabel Nolau de Souza

Marcelo Lima de Moraes

Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges

Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas..